

DOMINGOS AMARAL

UM CASAMENTO
DE SONHO


casadasletras

PARTE I

CASAR

2

Rafael, julho de 1998

Mais do que uma festa divertida e mais do que a celebração da união romântica entre Constança e Leonardo, para Rafael aquele casamento foi um ato de afirmação da mãe dela, e o culminar de um longo, mas firme, processo de ascensão social, iniciado muitos anos antes.

Desde o dia em que o conheceu, Rafael simpatizou com o conde, pai de Constança e a quem alguns chamavam tio Manel. Bem disposto e afável, de óculos finos e cara redonda, bochechas sempre coradas e uns olhinhos num ziguezaguear constante, fugindo das pessoas, o conde de Arcas era dotado de uma amabilidade tranquila e sempre sorridente. Além disso, era também um bocado aluado, e foi com desprendimento que, a meio da vida, aceitou a recuperação, promovida pela mulher, de um obscuro título nobiliário (provavelmente atribuído a um tetravô de Constança durante as guerras entre liberais e miguelistas), que com o tempo, por ser irrelevante ou inútil, a família deixara de usar.

Nos anos oitenta, quando as «boas famílias» portuguesas perderam finalmente o receio que a Revolução de Abril lhes causara, algumas sentiram a necessidade de ir buscar ao passado uma certa simbologia aristocrática, reavivando as tradições de nobreza, como se estas fossem um vestido antigo colocado num baú de velharias que subitamente ficara de novo na moda.

Certo dia, a mulher do conde (a tia Márcia, de quem Rafael não gostava, pois era ríspida e autoritária), ao vasculhar os ancestrais livros de família que se espalhavam pelas estantes do casarão

antigo de Arcas, e que já ninguém se lembrava de ter lido, encontrou referências dispersas a um título e anunciou ao marido que ele era o conde de Arcas! O tio Manel riu-se, como sempre, mas não reconheceu naquela poeirenta descoberta qualquer valor, ao contrário da tia Márcia. Com a sua finória e lendária esperteza, ela pressentiu que, mesmo estando aqueles títulos na moda, se a descoberta fosse revelada com demasiada fanfarrinha iria parecer um atrevimento tonto. Nunca se ouvira falar de um condado de Arcas e apesar de os estudiosos consultados em segredo terem confirmado a existência de tão desconhecido título, referiam que era de minúscula relevância, o que colocava a família na perigosa fronteira do ridículo. Assim, a tia Márcia decidiu que o novo estatuto de conde do marido teria de ser suavemente introduzido, sem qualquer foguetório, apenas um subtil acrescento ao apelido, como uma luzinha simbólica que se coloca por cima da porta e só se acende à noite.

Nos primeiros tempos após daquele achado, a mãe de Constança e Carlota nunca se aventurou para fora de pé, mas foi tecendo a sua extensa teia, dando prioridade aos locais de Arcas. O pároco, o presidente da Junta, o eterno e imutável presidente da Câmara, bem como os historiadores locais, também eles pressentindo que no país se estavam a revalorizar as tradições nobiliárias, foram introduzindo nas monografias da região as referências ao antigo conde de Arcas e à sua família, hoje representada pela tia Márcia e pelo tio Manel, que se ria com tudo e, portanto, também com o seu novo título.

Ainda havia quem o tivesse ouvido dizer, antes de beber mais um gole de *whisky*:

– Olha, agora sou conde!

A cautelosa estratégia da tia Márcia nunca pareceu desenraizada, pois a família do marido era tradicional e antiga na zona de Arcas, rica em propriedades e com uma grande quinta que sobrevivera até ao presente. Como muitas famílias originárias da província, no século XIX ou mesmo já no século XX, esta também seguira as rotas dos tempos, aproximando-se de Lisboa, onde os pais do tio Manel adquiriram uma casa, na Lapa, e começaram a imitar os códigos de conduta social apropriados, aproximando-se assim do grupo, vago mas relevante, das já referidas «boas famílias».

A Vomé, mãe do conde e avó de Constança e Carlota, fora igualmente bem-sucedida a casar os filhos, Manuel e Luís, que juntara com herdeiras de outras «boas famílias», como a tia Ana, mulher do tio Luís; ou então com filhas de comerciantes de média dimensão, como era o caso do pai da tia Márcia, originário da Guarda e também ele já em esforço acelerado de assimilação dos hábitos mais modernos da capital de Portugal.

Tanto o tio Manel como a tia Márcia foram alunos de colégios e liceus de Lisboa, cumprindo escrupulosamente as regras da época, e casaram nos anos sessenta sem qualquer sobressalto ou vislumbre de modernidade pecaminosa. Durante uma década, viveram perfeitamente acomodados ao Estado Novo, mas, como um tornado, a revolução de 1974 perturbou a sensação de segurança do casal. Durante uns anos, o tio Manel e a tia Márcia sentiram-se submergidos por aquela onda ideológica que inundou o país, apesar de não terem qualquer perda a reportar, nem de terem sido sequer hostilizados. Contudo, com um receio talvez infundado mas prudente, durante os primeiros anos do novo regime quase se envergonhavam das suas posses e omitiam os seus valores morais e sociais, com a aflição de serem chamados «fascistas». Foram exemplares perfeitos daquilo a que Rafael chamava a «direita escondida», que, por mero instinto de sobrevivência, decidira manter-se invisível até aquela avalanche revolucionária amainar.

E ela amainou. Nos finais dos anos oitenta, quando a revolução deixou de ser um grito mil vezes repetido e começou a adquirir o carácter mais ténue de um eco permanente, e quando a economia privada se levantou do chão, aquele grupo social redescobriu o valor das quintas na província, dos títulos antigos e das celebrações centenárias, e portanto as inicialmente discretas ações da tia Márcia, impondo o uso do título, foram aceites como perfeitamente naturais.

Em Arcas, como sempre contaram a Rafael as amigas Carlota e Constança (e a tia Márcia reforçava com orgulho), nos anos noventa já não havia receios de ser rico e gostar de coisas boas, e naquela quinta, onde as duas raparigas sempre haviam passado o mês de setembro, quando elas chegaram aos vinte anos já se respirava a convicção firme e agradável de que a família era agora poderosa na zona, com a sua

posição especial consolidada, sem pressas mas também sem pausas, o que ajudava muito a valorizar o seu estatuto em Lisboa, onde a competição era sempre mais feroz.

No entanto, a agitada mãe de Constança e Carlota continuava a sentir-se à margem da elite, e sabia que era ainda vista como uma espécie de parola esforçada, que imitava sem grande eficácia os tiques e os truques das «boas famílias», mas sem ter adquirido um verdadeiro e genuíno bom gosto. Enquanto ao conde essa condição marginal não incomodava, pois tinha uma natureza alheada e bem-disposta, a perfeita consciência deste estatuto menor causava desconforto à sua mulher.

Por isso, a tia Márcia mostrou os seus dotes de prudência e foi cuidadosa na ascensão. A família não transportava um nome sonante e blindado a críticas, fruto de glórias antigas, de fortuna impressionante ou de distinção muito relevante durante o Estado Novo. Não havia nem antepassados majestosos, nem capitães de indústria, nem ministros de Salazar pendurados nos ramos daquela árvore genealógica. Havia apenas um esforço permanente de polimento, a que eles chamavam «educação», algumas propriedades em Arcas, uma fábrica de têxteis no Norte e sobretudo a convivência esforçada com o tal grupo das «boas famílias».

Mas a tia Márcia queria mais. Havia nela um desejo de luz, de palco, de conquista, que, em finais dos anos oitenta, ainda não tinha sido satisfeito. Foi uma nova realidade política, económica e também social que lhe proporcionou a rampa de lançamento. O «cavaquismo» não foi apenas um fenómeno de liderança individual de um político hábil, nem um novo composto de valores ideológicos, foi sobretudo uma mutação nas elites políticas e sociais do país, um hino de aclamação de uma nova classe social.

O tio Manel e a tia Márcia foram grandes apoiantes do homem que dominou tanto tempo o PSD e a direita. Embora à superfície revelassem um ligeiro desprezo pelas origens demasiado humildes daquele algarvio (credo, dizia a tia Márcia, não era preciso ser tão pobre, vir tão de baixo!), apreciavam o seu estilo firme e autoritário, despojado e vagamente salazarista, e também as suas ideias, em defesa das privatizações ou da reconstrução dos grupos financeiros nacionais.

Mas, na verdade, o que a tia Márcia amava, com uma paixão intensa, era aquele motor de ascensão social que o cavaquismo transportava no seu interior, a alma vibrante daquela energia quase revolucionária. Ao mesmo tempo que permitia que a «direita escondida» deixasse de ser invisível, o cavaquismo estimulava e abençoava aqueles que, como a tia Márcia, desejavam conquistar mais do que já tinham.

A mãe de Constança e Carlota costumava dizer que havia um elevador social permanente: a gente que estava na cave queria subir, os que estavam no rés-do-chão também, tal como os do primeiro andar (onde ela colocava o futuro genro, Leonardo), e acima havia os que ainda queriam subir mais, grupo onde implicitamente ela e o conde se incluíam. A todos os que subiam, a tia Márcia reconhecia valor, mesmo que à vista parecessem desajeitados, como era o caso de muitos dos novos ministros, secretários de Estado, deputados ou autarcas do cavaquismo. E o facto de todos eles estarem a subir ainda criava mais desejo na tia Márcia, como se as pessoas que agora corriam atrás dela a obrigassem a avançar mais velozmente.

Foi, pois, neste ambiente de pressa e ambição que aconteceu aquela majestática festa, o casamento de Constança e Leonardo. Para a tia Márcia, a boda da filha foi encarada como uma fantástica oportunidade de, finalmente, entrar no Olimpo do país, e mostrar à sociedade o verdadeiro valor da família de Arcas. Embora o casamento só tenha ocorrido em 1998, com o «cavaquismo» oficial já terminado, ele foi uma consequência clara dos seus efeitos, tanto sociais como económicos. Em finais dos anos noventa, a excelente situação económica do país e das «boas famílias» era evidente, e já não havia perigo de ridículo ou choque com uma festa espampanante.

É óbvio que, com a insegurança que sempre caracteriza os que muito querem mas pouco sabem, a tia Márcia nunca teria sido pioneira de um festão assim, mas como estava na moda dar casamentos faraónicos em quintas próprias, ninguém estranhou aquela decisão, que, para parecer mais legítima e até bondosa, foi vendida a todos como um «sonho de criança» de Constança.

Era um sonho verdadeiro, mas Rafael sabia que Constança teria feito o que a mãe lhe mandasse, pois era a influência determinante na

sua vida e jamais teria entrado em divergência com ela! No entanto, e essa é a parte estranha da história, que a Rafael sempre fez confusão, ao mesmo tempo que se revelava eufórica com a ideia de um casamento impressionante e grandioso, a tia Márcia não deixava de mostrar uma inesperada opinião: «não adorava» o noivo Leonardo, o melhor amigo de Rafael.

3

Rafael, julho de 1998

Uma das expressões muito em voga na época era o «adoro», ou o seu oposto, o «não adoro», e por várias vezes a tia Márcia, ao falar de Leonardo com a filha, dissera:

– Não adoro...

Para irritação da futura sogra, Leonardo não apresentava um distinto *pedigree* social. O pai era funcionário público, chegara a ser diretor-geral do Comércio e Indústria, mas não passara daí; e a mãe era uma assistente de Economia no ISEG cujo doutoramento não parecia terminar. A família nunca dera nas vistas, apesar de pertencer, por mera proximidade geográfica (pois era de Lisboa e vivia na Estrela), ao mesmo grupo social e mal definido das referidas «boas famílias».

Ao longo da infância e da adolescência, Leonardo frequentara as mesmas escolas, liceus e universidade do que os amigos Rafael, Miguel e Guilherme, mas mesmo assim esbarrara desde o primeiro dia com as desconfianças da tia Márcia. Na primeira vez que o viu entrar na sua casa lisboeta, trazido pela mão de Constança e à frente dos outros amigos, a tia Márcia perguntou-lhe:

– Como é que o menino se chama?

Rafael enervou-se. Que irritante mulher! Ela desejava verificar se ele possuía o certificado de garantia dado por um apelido sonante! Quando ouviu Leonardo dizer «Pestana», ela questionou-o se era Neves Pestana, um nome de uma família lisboeta conhecida, e não escondeu uma certa desilusão quando o futuro genro apresentou o seu nome completo.

– Leonardo Sousa Pestana.

– Ah... – comentou a tia Márcia, enquanto o tio Manel sorriu, divertido, fingindo que não se apercebera do desapontamento da mulher.

Constança, que odiava desiludir a mãe, apressou-se de imediato a referir que Leonardo estava a «fazer o MBA» em Boston, como se esse curso universitário adicional, também ele uma moda essencial para quem cursava Gestão a partir dos anos noventa, fosse um aval da qualidade social do seu namorado, a chave que lhe permitiria abrir a porta do maravilhoso mundo das «boas famílias».

Foi este tipo de coisas que perturbou Rafael desde o início, e lhe causou a incómoda sensação de que a tia Márcia não aprovava aquele namoro. Contudo, até ele se convenceu de que essas desqualificações iniciais se tinham desvanecido com o tempo. Vendo a filha feliz, a tia Márcia habituou-se, nos anos seguintes, à ideia de que Leonardo era a escolha possível, forçando-se a aceitar as suas supostas qualidades como um acionista rico se obriga a aceitar um administrador de empresas que, podendo não ser o seu ideal sonhado, também não envergonha ninguém.

Apesar de tudo, Leonardo não palitava os dentes, não dizia «*maple*» em vez de sofá, nem se despedia com um «tchau», embora ainda dissesse «perdão» em vez de «desculpe», ou «aleijei-me» em vez de «magoei-me», expressões que levavam a tia Márcia a executar uma careta de desagrado, embora uma ou outra vez, distraída, ela as usasse também...

A ajudar no processo de aceitação do genro contou o seu excelente sentido estético e a sua esperteza social. Leonardo vestia-se sempre muito bem, em lojas caras, com fatos engomados e camisas bem vincadas, e dava enorme importância às aparências. Além disso, era também bastante deslumbrado com as «boas famílias» e essas duas características pacificavam a tia Márcia, bem como a ambição de grandeza que o futuro genro demonstrava.

Para ajudar, Leonardo era católico e ia à missa. Embora fosse praticante, e apoiante da moral conservadora de João Paulo II, é importante ressaltar que Rafael sabia que o seu amigo não era um místico ou um intelectual religioso. Ele não ia à missa porque amasse

verdadeiramente Deus, mas porque naquelas igrejas se movimentava o grupo social a que queria ascender.

O mesmo se passava com as suas ideias políticas ou económicas. Na universidade, interiorizara os postulados essenciais do liberalismo económico, de Hayek e Friedman, que desde os anos oitenta haviam mudado os destinos políticos e financeiros do mundo. No entanto, não o fazia por paixão ideológica ou fervorosa crença intelectual, mas apenas porque estimava que, para entrar no espantoso novo mundo das empresas, era essa a linguagem mais eficaz. Desde que as ideias «parecessem bem», Leonardo incorporava-as, sem sobressaltos ou dúvidas. Era um cão perdigueiro, a farejar o caminho certo para encontrar a presa.

Contudo, esta interiorização quase submissa das supostas «ideias certas» tornava Leonardo um ser algo indefeso, sem grande imunidade aos perigos do mundo, sobretudo das emoções e do amor. Rafael temia que ele tivesse escolhido Constança não porque a amasse, mas porque ela era a peça que julgava necessária para compor o *puzzle* imaginário da sua vida, a sua fantasia de futuro. E, sobretudo, Rafael receava que o amigo se tivesse equivocado quanto à natureza da sua namorada...

Uma certa dose de salutar desconfiança, seja de mulheres seja de homens, que em Rafael era uma pedra basilar, não existia em Leonardo. Quando soube que eles iam casar, Rafael não ficou surpreendido, mas sentiu um misterioso mal-estar, que se amplificou na noite do jantar de noivado. Pouco depois de ter chegado a casa da tia Márcia, Rafael dirigiu-se à casa de banho e, por acaso, ouviu parte de uma conversa entre mãe e filha, que ainda mais agudizou os seus terrores.

À entrada da cozinha, julgando que ninguém além da mãe a ouvia, Constança exclamara sobre Leonardo:

– Ó mãe, mas ele é tão querido! É amoroso, olhe o anel de noivado que ele me deu!

Rafael conhecia as visíveis repugnâncias da tia Márcia pelo futuro genro, que pelos vistos estavam a ser lembradas à filha, mas o que lhe causara vasta perplexidade fora aquela forma ténue de Constança definir o futuro marido. Aquele «tão querido» e aquele «amoroso»

soavam a Rafael como exclamações verbais que se libertam enquanto se afaga um cachorrinho, mas não como uma forma convicta de manifestação de amor por um homem.

Mais uma vez, assaltou-o a sensação de mal-estar que já tivera logo na noite em que Leonardo e ele tinham visto a rapariga, à porta da Kapital, sair de um descapotável onde estava sentado, ao volante, um homem mais velho, talvez já na casa dos trinta.

Nessa época, em 1995, Constança devia ter vinte e três anos, e era uma rapariga de cabelos morenos encaracolados, não especialmente bonita, com a cara larga do pai e o nariz arredondado, mais parecido com o da mãe. Usava *jeans* e uma camisa de botões, sem decote, e mostrava-se risonha e alegre. No entanto, Rafael estranhara a forma como os seus olhos brilhavam e a sua cara estava corada, quando saiu do carro descapotável, e notara igualmente a partida, quase imediata e em aceleração, do desconhecido e do seu carro exibicionista. Não sabia quem ele era, e era pouco habitual que a rapariga não entrasse na discoteca com o seu acompanhante, mas sozinha, como se aquela proximidade fosse clandestina.

Rafael, como todos os seres instintivamente infíeis, tinha um sonar que soava dentro do seu cérebro sempre que suspeitava de uma tropelia. Porém, Leonardo em nada reparou, e ao ver Constança a aproximar-se deles e da porta da discoteca, decidiu chamá-la, pelo nome próprio, o que era um acontecimento tão inesperado que distraiu Rafael das suas cogitações maliciosas.

– Constança! – exclamou ele. – Olá, sou o Leonardo. Estás sozinha?

Rafael, que se julgava um especialista no engate e na sedução, quase ia rebentando a rir com tanta falta de jeito, mas a verdade é que a reação da rapariga o surpreendeu, pois ela inflacionou o sorriso e retribuiu o olá, confirmando que estava sozinha.

Leonardo, animado, acrescentou:

– Você costuma estar em Santa Isabel, na missa! É impossível não reparar em si!

Rafael revirou os olhos, envergonhado. O que era aquilo? O amigo arriscava-se a cair no ridículo: às duas da manhã, à porta da Kapital, ele falava na missa de Santa Isabel a uma rapariga? Era tudo ao contrário do que mandavam as regras! Mas, nesse momento,

teve a sua segunda surpresa. Ainda corada, Constança avermelhou-se um pouco mais, como se houvesse ficado mortalmente lisonjeada pelo elogio implícito à sua duvidosa beleza. Contrariado, Rafael teve de admitir que o amigo, afinal, não era o «atadinho» que eles pensavam.

Ao longo dos anos, desde finais da adolescência, Leonardo sempre fora tímido, e os amigos chegavam a gozar com ele, acusando-o de ser pouco desembaraçado e mesmo de não gostar de mulheres. Tivera apenas três namoradas até Constança chegar, e eles sabiam que, pelo menos com duas delas, havia praticado sexo. Mas o seu comportamento nunca era o de um conquistador, e não se percebia bem se não gostava de mulheres e de sexo, ou se não tinha paciência ou capacidade para a conquista, que é sempre um trabalho árduo.

Habituaados à sua falta de interesse, a abordagem intempestiva e corajosa a Constança foi um choque para os amigos. Pareceu quase uma heresia vê-lo na Kapital, bem-disposto e de copo na mão, a dançar com ela!

– O que se passa com «o Pestana»? – resmungou Guilherme, ligeiramente invejoso, pois o amigo estava a catrapiscar uma rapariga e ele ainda não.

Rafael descreveu a Miguel e a Guilherme o sucedido à porta, e os três ficaram estranhamente calados, a observar os movimentos mútuos de sedução entre Leonardo e Constança, com a solenidade própria de quem assiste a um momento histórico.

O namoro durou três anos, apesar de Leonardo ter estado quase um ano e meio em Boston, a tirar o seu MBA. Com o tempo, as suspeitas iniciais de Rafael sobre Constança foram-se esbatendo. O casal de pombinhos parecia feliz e apaixonado, Leonardo era meigo e atencioso e Constança mostrava-se sempre uma pessoa agradável, de bom feitio e temperamento tranquilo, que se dava bem com todos, em especial com as mulheres.

Com Patrícia, namorada de Miguel e a mais bonita do grupo, Constança partilhava o interesse pela moda e pelas revistas (a *Caras* tinha substituído a *Olá* como a bíblia do social) e uma predileção notável pela cozinha, que ambas praticavam com entusiasmo, especialmente na secção pastelaria, fazendo bolos excelentes!

Já com Ana, namorada de Guilherme, que era a mais feia e gordita das três (e com quem Rafael implicava desde o primeiro dia), Constança partilhava os valores católicos, a ida à missa de Santa Isabel e a falta de paciência para dançar ou sair à noite.

Com o avançar do namoro, verificou-se que um dos laços que mais uniram Constança e Leonardo não foi um interesse comum, mas sim um desinteresse comum. Nem ele nem ela gostavam de noitadas, preferiam programas mais pacatos, e por isso aqueles três anos tinham passado sem Rafael notar nada de especialmente grave no namoro até ao jantar de noivado, quando escutou aquele comentário que Constança fez à mãe.

Sobressaltado, Rafael regressou à sala, pensativo. As mulheres, quando amam verdadeiramente um homem, recebem perdê-lo e, portanto, temem a sua masculinidade, que julgam sempre descontrolada. É por isso que se queixam e que falam mal de quem amam, pois o seu coração enche-se de temor, e na verdade o que desejam é manter o seu homem controlado e perto delas, sob vigilância. Ora, ouvir uma noiva chamar ao noivo «um querido», ainda por cima dirigindo-se à sua mãe, soou a Rafael como um comentário tão absolutamente desprovido desse temor que o encheu de dúvidas. «Ele é um querido» soou-lhe a condescendência tépida, soou-lhe a uma ausência de encantamento ou paixão, sem a vibração do medo da sempre temível perda do objeto amado.

Mas o que podia ele alegar a Leonardo? Que tinha uma percepção suspeita? Que o incomodara uma expressão desadequada? Nada o habilitava a alertar o amigo para a superficialidade passional que parecia existir em Constança. Além disso, o risco de uma reação adversa era grande e Rafael temia-a.

Dos três amigos de Leonardo, ele era o mais problemático. Com a sua vida excessiva e um divórcio já no currículo, era uma sorte continuar a pertencer a um grupo muito mais conservador do que ele. Os seus três amigos, Leonardo, Miguel e Guilherme, iriam casar ao longo do verão de 1998, e colocar areia na engrenagem do primeiro dos casamentos era arriscar-se a ser considerado um terrorista da intriga ou um sabotador maldoso da felicidade do grupo, e podia ter como punição a anulação do convite para padrinho dos

três amigos ou, ainda pior, o ostracismo decidido pelos elementos femininos, Constança, Patrícia e Ana.

Estas foram, pois, algumas das razões por que Rafael calou as suas dúvidas iniciais sobre aquele casamento, mas convém acrescentar que não foram as únicas, nem as mais fortes. Na verdade, o motivo supremo do seu silêncio desleal foi uma mulher, Carlota, a irmã mais nova de Constança. Foi quando a viu na sala que ele esqueceu tudo o resto...

